

## O sentido do espaço residencial

Ariane Severo<sup>1</sup>

*Toda grande imagem simples revela um estado da alma. A casa é um estado da alma... Mesmo reproduzida em seu estado exterior, ela fala de intimidade.*<sup>2</sup>

**Abstract:** It exists a semiology about the space. That question on the sense of the space interests many areas, like antropology, sociology, history, psychology and architecture. The language of the house's space is now a place of reflexion and analysis. The external space exists attached with the internal space. And the several uses that they do with a determined space and the different senses that a couple gives to it, alloways attached to the culture and the time it occurs, interests the vincular psychoanalysts. In this paper I develop this matter starting from two clinical approaches.

**Key words:** space of the house, inconscient familiar structure, vincular psychoanalysis.

**Resumo:** Existe uma semiologia do espaço. A indagação sobre o sentido do espaço interessa a muitas áreas do conhecimento como antropologia, sociologia, história, psicologia e arquitetura. A linguagem do espaço da casa se tornou lugar de reflexão e análise. O espaço externo está em relação com o interno. E os diversos usos que se faz de um certo espaço e os diferentes sentidos que um casal atribui conforme a família, cultura ou época, interessa aos psicanalistas vinculares. Neste estudo eu abordo a temática a partir de dois casos clínicos.

**Palavras chaves:** espaço, casa, estrutura familiar inconsciente, psicanálise vincular.

A casa é o cenário físico da família. Corresponde à sua organização e contém grande número de informações sobre as características deste grupo. Muitas das quais temos acesso mais evidente, através do estudo da planta e do uso que a família dá aos aposentos, móveis e utensílios. A ocupação ou não, dos lugares na mesa, no quarto, nos demais espaços. A maneira como é feita a circulação dentro da casa e o regime das portas abertas ou fechadas. Daí o interesse e o fascínio pelo estudo das casas.

Existe relação entre o homem e o espaço que o rodeia. Para a arquitetura, este estudo

---

<sup>1</sup> Psicanalista, escritora.

<sup>2</sup> Bachelard, Gaston . *A poética do espaço*, pág 84.

## Ressonâncias

pressupõe correspondência entre os acontecimentos e os ambientes, que costumam ter uma função sempre igual. Há previsibilidade. Uma pré-concepção de como deveria ser a casa. Quando uma família faz um uso diferente de uma porta, parede, janela, ambiente, ficamos atentos ao significado desta alteração, desta particularidade.

Para a psicanálise, o estudo das casas é uma das formas de acesso à Estrutura Familiar Inconsciente e, por isso, sua relevância clínica. Na casa está posta em cena o funcionamento familiar.

Observamos a representação e o significado dos espaços vazios, particulares e comuns, nomeados ou não. O espaço tolerado entre as pessoas e o sentido do fator distância e proximidade, tanto em relação aos membros desta família como em relação às famílias de origem. Sendo as características e localização da casa um forte indicador da endogamia, isto é, o regime pelo qual o indivíduo se casa no interior da sua tribo ou classe ou exogamia, onde os matrimônios se efetuam com outras famílias. Utilizando esses conceitos oriundos da Antropologia de Levi Strauss, queremos demonstrar se houve ou não o corte necessário com a família de origem.

### **Podemos ler uma casa**

Durante muito tempo o homem sustentou a posição de provedor. Mas o imaginário desta família mudou com a maior independência dos filhos e as mudanças individuais e do vínculo de casal.

Começo pela fala do casal:

*Tu não podes sair de casa porque não sabes fechá-la. Não tens competência para isso. Por isso não podes ir para a casa de campo sozinha.*

Essa frase do marido não parecia tão louca de início. No decorrer do tratamento a esposa disse: *não quero seguir vivendo dessa maneira. Se algo não mudar, prefiro a separação. Sei viver de uma maneira bem menos complicada. O casamento me transformou*

*numa pessoa dependente e incapaz de administrar a vida doméstica. Uma destrambelhada, alienada, como ele costuma se referir.*

Muitas das maneiras de descrever a loucura e o controle exercidos nas famílias, são explicitadas através do espaço da casa. Passarei a um breve relato do casal e pequenos comentários.

A esposa toma a palavra: *Vou te explicar, referindo-se à analista, tudo o que tem que ser feito para irmos para a fazenda todo final de semana. Eu arrumo a mochila das crianças, as compras, tudo o que precisamos levar e carrego o carro. Recuso-me a encarregar-me da comida do cachorro, que se acumula em potes de sorvete no congelador. Retiro o lixo. Dou descarga e organizo tudo para sair enquanto meu marido começa o ritual de fechar a casa, o qual vou descrever: Ele começa testando as pilhas dos alarmes, uma por uma, em todas as portas e janelas da casa. Depois vai até o andar superior, onde fica o nosso quarto e parafusa as janelas. Liga uma luz com fotocélula e desarruma a cama que já estendi, criando com as cobertas um monte que se assemelha a um corpo, para enganar possíveis invasores. Chaveia a porta e a esconde embaixo de um baú. Desce as escadas e fecha o quarto das crianças. Parafusa a janela da sala de jantar e da sala de estar. Dirige-se ao pátio. Fecha o gás e o registro de água. Tranca com cadeado a porta dos fundos. Chaveia as demais portas. Manda todo mundo para o carro. Tranca todo o escritório. Chaveia a porta da frente e gira as trancas. Desce pela escada da garagem e gira as duas fechaduras dóbermann da grade. Retiro o carro da garagem e ficamos nos arriscando na rua, enquanto ele fecha o registro de água que fica na calçada. Tranca a porta eletrônica da garagem por dentro e depois a porta menor, lateral, com cadeado e esconde a chave em baixo de uma pedra ou folhagem. Sai e tranca o portão. Aciona o alarme, entra no carro e finalmente podemos partir. Desnecessário dizer que quando retornamos, ficamos novamente expostos na rua porque o portão eletrônico não pode ser acionado até ele desligar o alarme, entrar pelo portão pequeno, que dá acesso à escada externa, abrir o cadeado da porta lateral, a fechadura e depois abrir as duas trancas laterais da porta da garagem e o restante vocês já sabem até chegar ao quarto do casal, no último andar. A casa mais parece uma prisão. Ele*

*quer gradejar as janelas por segurança. Eu não quero viver assim. Se for para ter grade como uma jaula, prefiro me mudar. É muito complicado viver assim. Eu não posso mais, não concordo. Quando chegamos do campo é o mesmo processo. Sai do carro, abre o cadeado do portão, abre o portão, desliga o alarme, abre a porta, liga a luz, registros....*

Chamamos topoanálise o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Existe uma psicologia dos projetos arquitetônicos. A psicanálise multiplicou suas observações sobre o comportamento projetivo, a exteriorização de impressões íntimas.<sup>3</sup>

É neste sentido que estudamos os abrigos e aposentos. A casa se desdobra como diz Bachelard, fiel ao nosso ser. Ela pode crescer, estendendo-se quando os integrantes possuem maior elasticidade de devaneio. Suas paredes podem condensar-se ou expandir-se conforme o seu desejo. O inconsciente permanece nos locais. Ela não é uma caixa inerte, é uma casa vivida. O espaço habitado transcende o espaço geométrico. No espaço da casa há um misto de imaginação e memória. Por isso, podemos ler uma casa.

Isidoro Berenstein foi o primeiro psicanalista a me introduzir no estudo do espaço como revelador da estrutura familiar inconsciente<sup>4</sup>. Trabalhei este tema no livro *Encontros & Desencontros a complexidade da vida a dois*<sup>5</sup>.

Qual o benefício mais precioso da casa? Ela protege o sonhador e lhe permite sonhar em paz. Tudo serve de motivação para os sonhos de abrigo. A casa integra pensamentos, lembranças e sonhos. Deve nos dar razão ou ilusão de estabilidade. Deve ser um espaço de conforto e intimidade, deve condensar e defender a intimidade.

---

<sup>3</sup> Bachelard, Gaston, pág, 26 à 30. *A Poética do Espaço*. (1987). São Paulo, Martins Fontes, 2005.

<sup>4</sup> Berenstein, Isidoro. *Família e Doença Mental*. (1986).

<sup>5</sup> Severo, Ariane, pág, 46,46 e 65 à 77. *Encontros & Desencontros a complexidade da vida a dois*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010.

O que percebi de imediato, é que a vida diária se retirava cada vez mais para o interior da casa ou da fazenda. O casal não recebia ninguém. Nem as festas habituais de aniversários continuavam ocorrendo. Deixaram de visitar pessoas amigas ou de comparecerem em atividades culturais. Tudo se resumia aos fins de semana no campo.

Na residência está refletido o novo estilo de vida. A sala de visitas perdeu a sua finalidade original e se reduziu a uma sala de passagem ou de ligação entre um andar e outro. A casa se complica um pouco quando têm um porão e um sótão, cantos e corredores. O marido costumava passar o dia no porão onde ficava seu local de trabalho. O porão é o lugar mais obscuro da casa e participa das potências subterrâneas. O quarto do casal, o cantinho de refúgio da mulher, ficava no sótão. Ele nas profundezas e ela no andar mais elevado ligado aos sonhos e devaneios. *No porão agitam-se seres mais lentos, menos saltitantes, mais misteriosos. No sótão, os medos racionalizam-se facilmente, no porão há trevas dia e noite.*<sup>6</sup>

Outra observação importante é que a despensa passou aos cuidados do marido. Ele a organizava e criou um segundo local para armazenar alimentos, nos fundos da casa, junto à churrasqueira e o mantinha chaveado. Só ele tinha acesso ao local. Repondo, quando necessário, os alimentos na despensa original, junto à cozinha. As crianças, logo que perceberam a existência da tal despensa, solicitavam refrigerantes, vidros de azeitonas, palmito, bolachas. Uma vez encontraram a chave e retiraram, por conta própria, alimentos desse local, o que originou um controle ainda maior e um sentimento de traição, desmando, incompreensão, por parte do pai. A mãe custou a tomar conhecimento da existência desse compartimento secreto. Parecia estar distante, alienada ou submetida. A justificativa dada pelo marido foi o medo de que faltasse comida. Ele comprava a cesta básica e estocava. Ela comprava os complementos. Essa situação, que do ponto de vista do marido, surgiu para resguardar a família, virou um problema. Abastecer a casa de provisões virou uma preocupação do marido. Os filhos estavam sempre requisitando algo que imaginavam existir na despensa do pai. A mãe ficava irritada quando faltava um ingrediente para cozinhar e

---

<sup>6</sup> Idem pág, 37.

precisava aguardar a chave do marido. Mas aceitava a situação que parecia sem solução. Estavam falidos. O provedor sem trabalho há meses.

### **Os conflitos se espacializam com frequência**

Como muitas das queixas giravam ao redor da casa, fui me interessando cada vez mais.

Nesta época, tomei conhecimento de que o uso do banheiro era outra complicação. O banheiro do casal nunca fora concluído e eles tinham que descer para usar o do andar térreo. No escritório do subsolo havia um lavabo usado pelo marido. Ainda assim, usava o banheiro comum quando subia na hora das refeições. De manhã, na saída para a escola, havia uma superpopulação usando um único banheiro, no mesmo horário. O problema foi amenizado com a *solicitação* de que o marido usasse o banheiro após a saída da esposa e filhos.

Transcrevo aqui, uma vinheta de sessão: *sempre que íamos escovar os dentes, maquiar, colocar lentes de contato, o Ronaldo se enfiava no banheiro, atrasando a saída de todos e infestando-o com um cheiro desagradável. Eu sonho com um banheiro só para mim. A senhora acredita que, por ordem dele, as crianças não costumam dar descarga para economizar água.*

Incomodavam outros detalhes no banheiro, que não vale a pena mencionar. Também eram motivos de brigas as torneiras que não eram bem fechadas e que ficavam pingando. Todo um sistema de esgoto, e um abrir e fechar portas e janelas que denunciam o controle, a avareza e outros traços da analidade. Controle dos gastos, de saída e entrada de alimentos ou pessoas, onde e no que gastar, investir. Dificuldade de demarcação entre espaço próprio de um e espaços de uso comum de todos.

A palavra lar reúne os significados de casa e família, de moradia e abrigo, de propriedade e proteção. *Home, significava o lar, a casa, mas também tudo que estiver dentro ou em torno dela, assim como as pessoas e a sensação de satisfação e contentamento que*

*emana de tudo isso*<sup>7</sup>. A casa dessa família não era mais um lar e estava longe de ser um lugar confortável, onde seus habitantes sentissem bem-estar.

A planta original abrigava apenas sala de dois ambientes, cozinha e copa, um banheiro e dois quartos. O pequeno porão foi escavado para que surgisse o escritório e a sala dos arquivos. A casa cresceu. Construíram a sala de visitas e a escada, interna, de ligação, entre um andar e outro, um lavabo e escritório para a esposa. Com o passar dos anos, a mulher se independizou, tirou o escritório de casa. Esse espaço foi ocupado pelo marido, que já havia se apropriado da churrasqueira e o antigo quarto de empregada onde ficava a despensa secreta. Sem contar que a garagem estava cheia de seus pertences. Ele acumulava muitas coisas. Materiais de construção, material de trabalho, ferramentas, papéis. Não conseguia desfazer-se de nada, juntando para o dia em que pudesse precisar.

Retomemos o estudo, a descrição do modo de viver desta família. A casa foi projetada e construída por eles durante anos. Crescia, moldava-se, lentamente, às suas necessidades e sonhos. O mesmo cuidado havia na sua conservação, para mantê-la viva. O colorido das flores e as notas musicais preenchiam tardes de domingo. Os trabalhos domésticos eram alegres e devolviam à casa sua originalidade e todas as manhãs a casa era refeita nos cuidados. O casal se mantinha.

Aos poucos tudo foi passando à categoria de antigo. Era difícil fazer mudanças na casa. Nada estava velho o suficiente para ser substituído. Além disso, o marido consertava ou reaproveitava tudo. Nenhuma peça da casa foi projetada com móveis sob medida. Tudo foi feito por ele ou é o resultado do seu garimpo em loja de móveis usados. Em um livro chamado *Pequena história de uma ideia*, o autor afirma que os móveis dizem tudo. Assim como um paleontologista pode reconstruir um animal pré-histórico a partir de um fragmento de osso do maxilar, pode-se reconstruir o interior doméstico e o comportamento dos seus habitantes, a partir de uma única cadeira. Rybczynski, o autor desta obra, afirma ainda que os

---

<sup>7</sup> Pág 73,1996.

móveis internos das casas surgiram junto com os móveis internos da mente.<sup>8</sup> E Bachelard, na sua *Poética do Espaço* traduz um pouco do que penso sobre um móvel qualquer para decorar uma casa: *guardar uma coisa de qualquer maneira, em um móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar.*<sup>9</sup>

### **A casa vê, vigia, esconde**

Qual o sentido de algo escondido? Aprendi que o oculto nas coisas e o oculto no homem pertencem à mesma topoanálise. É preciso entender melhor a despensa secreta.

O espaço interno da casa foi perdendo seu uso original e o marido foi ocupando mais espaço, um espaço que, tradicionalmente é da mulher. Ela trabalhando fora cada vez mais e ele trabalhando menos e ficando mais dentro de casa e assumindo funções que eram do domínio feminino. Além da luta de poder, e de um conflito entre o espaço e funções próprias e compartilhadas, e o confinamento, toda modelização do espaço, denuncia uma produção conjunta e ao mesmo tempo anônima desta família. Uma verdadeira produção vincular. Uma formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos deste vínculo.

A casa nunca finalizada tornou-se incômoda, desbotada e esburacada pela falta de manutenção. Um verdadeiro protocolo ditava quais portas e janelas abrir e fechar. A porta dos fundos que se abria para o jardim e piscina passou a ficar trancada pelo perigo dos ladrões. A sacada da frente também. Todos ficavam trancados dentro da casa. Cada aspecto da casa era rigorosamente estratificado. O item conforto era relacionado à funcionalidade e estava diretamente ligado à personalidade do seu dono. Passava-se frio no inverno, e calor no verão. Não era permitido passar a noite com a estufa ligada. Os ventiladores eram desligados, certa hora da noite, para economizar. Brigas giravam em torno de não terem apagado a luz, mesmo

---

<sup>8</sup> Pág.48 e 211, *Pequena História de uma ideia*, 1996.

<sup>9</sup> Bachelard, Gaston, pág 80.

ele tendo instalado chaves hotéis<sup>10</sup> em muitas das peças e todos os corredores. Reclamações pelo fato das crianças esquecerem a televisão ou computadores ligados. Não ajudarem na economia doméstica.

A ideia de conforto nessa família era muito estranha. Assim como a de prazer. A casa, que costuma ser lugar onde nos sentimos seguros, onde nos sentimos *em casa*, passou a ser lugar de controle.

Tiveram que demitir a empregada por falta de dinheiro, pelo desemprego do marido. A mulher perdeu o gosto em arrumar a casa, cuidar dos detalhes. A moradia começou a ficar suja. Ele perdeu a vontade de consertar, fazer a manutenção. Só o jardim seguia preservado, embora não tivesse o colorido de antes. A piscina deixou de ser limpa desde a compra da fazenda, pois lá tinha uma bem maior e que teoricamente seria mais utilizada. Preocupação com o lixo, os detritos, os bichos que foram tomando conta. Poderiam ser roubados a qualquer momento. O dirigismo é total, tudo é previsto e a liberdade é eliminada. Alguns aspectos do funcionamento desta família coincidem com a estrutura da loucura a dois segundo Barthes: Ociosidade de um dos parceiros que decide não mais trabalhar. Caráter inquieto, difícil. Um dos parceiros não se sente bem em nenhum lugar (nem sozinho, nem no casamento). Inércia física.

Viver se tornou algo pesado, caro demais, sem perspectivas. A casa empobreceu, deixou de crescer, se deteriorou. Passou a ser um reflexo da importância dada à família. No quarto do casal passaram a se registrar infelicidades profundas e persistentes.

### **A casa é onde acontece a vida interior**

---

<sup>10</sup> Interruptor elétrico instalado na entrada e na saída de um corredor ou ambiente da casa para que se possa ascender à luz ao entrar e apagar ao sair.

Quando observamos o funcionamento das casas, estamos tendo acesso ao modo de funcionamento da família. Ainda que este seja inconsciente para seus membros. As pessoas muitas vezes pensam diferente sobre a função da casa ou de como deve ser o ambiente doméstico. Para alguns, está ligado à utilidade e atributos de beleza, estética, conforto e bem-estar. Para outros, estes atributos podem não estar associados. O senso de intimidade doméstica é algo inventado e pode deixar de ocorrer a qualquer momento.

Nesta casa/família, não há uma relação equilibrada entre praticidade e economia, entre economia e conforto. O sintoma imediato é a perda do bem-estar e da beleza.

Interessei-me em saber mais a respeito do local de trabalho dela. Contou-me que, inicialmente, dividia um escritório com uma colega e, em seguida alugou sozinha uma sala comercial ótima. Depois que casou, o marido comprou uma sala, para investimento. Convidou-a para transferir o escritório para esta sala *deles*. Comenta que não foi uma boa ideia. Antes dividia as despesas com uma colega. Além disso, o novo não tinha uma boa localização. Quando engravidou, levou o escritório para dentro de casa, por insistência dele e a sala comercial foi alugada. Quando decidiu tirar o escritório da residência, voltou para a condição inicial. Alugou uma sala com uma amiga. Quando se movimentou para alugar sozinha, o marido comprou outra sala para investir e *deu* a ela de presente no dia das mães. Mas o imóvel, assim como todos os bens, está no nome dele.

### **Mecanismos de poder**

Com o passar dos anos ocorreu a consolidação de um mecanismo sutil, complexo e rigoroso de vigilância. Um policiamento mais estreito, técnicas bem mais ajustadas de captura e punição. São gestos aparentemente sem importância que atuam sobre a subjetividade, a identidade e liberdade de ser. Esse incremento do controle ocorreu proporcionalmente à decaída da lei paterna. Sua perda da capacidade laborativa, o aumento da depressão. Ocorreu como que uma disfunção do poder de autoridade. O pai se arrogou o direito de limitar ao sentir-se perdendo a força. Sentia-se frustrado, fracassado e sozinho. Foi perdendo seu

absolutismo e concentrando o poder que restou em certos pontos e conflitos que daí resultaram. Ocorreu um aumento da ilegalidade. Pequenos furtos da carteira do marido, contrabandos da despensa, reservas escondidas. O roubo tende a tornar-se a primeira das grandes escapatórias à legalidade na passagem do regime absolutista para uma espécie de capitalismo selvagem. O que não foi dado por bem, com alegria e por direito, será transferido de forma violenta, mediante a iminente separação.

O furtar' em Winnicott, está relacionado com a privação<sup>11</sup>. O furto é uma reação à retirada do cuidado. Neste caso pensei no cuidado do qual as crianças se viram privadas. Como se houvesse uma usurpação da função materna. Instituiu-se entre os membros da família relações que eram ao mesmo tempo de rivalidade e concorrência de conflitos de interesse, de apoio recíproco e de cumplicidade. Um jogo destrutivo correndo solto na brecha alargada pela derrocada do pai. A tolerância da mulher com esta situação funcionava como um estímulo. Uma inobservância de barreiras contra a pulsão de domínio. O casal abandonou antigas obrigações, consolidou práticas irregulares provocando uma espécie de reação em cadeia. Práticas perversas que asseguram a sobrevivência do vínculo. Os filhos divididos em subordinado e rebelde, denunciavam a loucura vincular.

A casa onde jorravam fontes e flores perfumadas passou a expor na vitrine, ferro velho, trapos e maus tratos. Circulava de forma simultânea e clandestina o dinheiro falso da mulher, onde o produto escasso era o açúcar. Digo dinheiro falso porque não havia admiração e legitimação do trabalho da esposa. E o açúcar, vocês sabem, corresponde a tudo que é doce e gostoso. E a circulação clandestina do dinheiro e conseqüentemente da lei, caracteriza o funcionamento perverso.

Com a ameaça de rompimento do vínculo afirma-se a necessidade de uma vigilância constante, que se faça essencialmente, sobre esse desmando. Procura-se desfazer a antiga economia do poder, sobre a repartição do poder. A rebelião nasceu no ponto de junção entre a

---

<sup>11</sup> No livro da *Pediatria à Psicanálise*, Winnicott, associa o furto à tendência anti-social. Aqui me refiro mais a ideia de furto encontrada no livro *O Brincar & a Realidade*, pág. 120.

luta contra o superpoder do soberano e a luta contra o infrapoder das legalidades conquistadas e toleradas. Um resultado provisório desastroso. Entre esse superpoder e esse infrapoder se estendia uma rede de relações. O soberano com um poder ilimitado deixava seus súditos livres para uma ilegalidade constante. Os dois objetivos estavam em continuidade<sup>12</sup>.

Hoje penso que poucas relações são geradoras de tanta violência como as de casal.

### **As crianças desenham casas como um gesto espontâneo**

Psicólogos analisaram o desenho de casas<sup>13</sup>. Os estudiosos observaram que se a criança é feliz, a casa é feliz, sólida, profundamente enraizada, com traços que designam sua força íntima. É evidente que faz calor no seu interior, que há fogo, um fogo tão vivo que vemos a fumaça saindo pela chaminé. Quando a casa é feliz, a fumaça brinca delicadamente acima do telhado. Nesta família a casa dos sonhos foi se transformando em uma casa dura, imobilizada pela rigidez dos seus donos. Na porta tem uma maçaneta que serve para abrir e fechar, para indicar que moramos nela, entramos nela. A maçaneta indica uma funcionalidade. No reino dos valores, a chave fecha mais do que abre e a maçaneta abre mais do que fecha. Desta casa era complicado sair. Tudo deveria ser chaveado. Conforme Bachelard, o gesto que fecha é sempre mais nítido, mais forte, mais rápido que o gesto que abre.

### **O Exterior é o resultado de um interior**

No século XX se deu a grande transformação da casa, principalmente de seu espaço interno. Passamos a valorizar mais a privacidade e estabelecer um zoneamento espacial que divide a moradia em três setores: social, íntimo e de serviço. Nas casas, apartamentos, trens, aviões, carros, o artigo de luxo é ter espaço. Antigamente era ter as ferramentas ou o dom de objetos segundo a necessidade vital. Esses objetos tinham que ser fabricado e por isso

---

<sup>12</sup> Foucault, Michel, *Vigiar e Punir*. Petrópolis, editora Vozes, 1988.

<sup>13</sup> Françoise Minkowska, 1949, in Bachelard, pág 84.

adquiriam enorme valor. Com o passar dos anos, o dom passou a ser o espaço. A partir de Nietzsche a distância conquista um valor forte e raro<sup>14</sup>.

Passarei a outro fragmento clínico de uma família.

Como já vimos anteriormente a distribuição e a localização dos cômodos no espaço doméstico, seus usos e o que representam revela a estrutura familiar inconsciente.

Quando a planta da casa foi desenhada, expressava através do regime das portas abertas e fechadas, o tipo de relação existente nesta família.

A mãe e o irmão compraram uma casa. A mãe vendeu sua casinha antiga, de madeira, onde criou os filhos. Entrou com os 50% da casa comprada, utilizando o dinheiro que recebera na herança, após a morte do marido. Uma das filhas abriu mão da herança em nome da mãe e os demais entraram com seu percentual na compra da nova moradia. No andar de cima ficaria o irmão com sua família e, na parte de baixo, a mãe, a filha mais nova e seu escritório. Um negócio bom para todos.

As casas foram construídas para serem preenchidas. Os membros da família irão ocupá-la à sua maneira. No entender dos filhos' a mãe ficaria numa casa bem melhor e perto da neta. A filha menor ficaria com um ótimo escritório no andar térreo, com entrada separada pela frente da casa. E o filho, que não teria podido comprar a residência sem a ajuda da mãe e irmãs, ficaria com todo o andar superior. A reforma levou um ano e foi realizada com dinheiro da mãe e do irmão. Foi planejada e gerenciada pela irmã, mais nova, que é arquiteta e me procurou para atendimento, há algum tempo.

Desde o início ficou claro que tinha dificuldade para sentir-se bem em sua moradia. A casa era sentida como do irmão que regularmente descia as escadas e fazer as refeições com ela e a mãe. A mãe/sogra costumava lavar a roupa e cuidar da filha deste casal. Muitas vezes a

---

<sup>14</sup> Barthes, R, *Como viver junto*, pág 260, 261.

paciente manifestava o desejo de sossego. Chegar na casa e estar só ou poder conversar com a mãe sem interferência. Mas o que passou a ser um problema era o modo como esse irmão e sua família usavam o espaço que deveria ser a casa delas, no andar inferior. E como extensão, o próprio escritório de trabalho. A luz e a internet eram compartilhadas. Isso justificava que entrassem no escritório. Minha paciente não podia trabalhar até mais tarde porque o alarme precisava ser acionado numa determinada hora. Como era um alarme com sensores, ela não podia decidir ir à cozinha ou ficar trabalhando até tarde no escritório. Nos fins de semana não conseguia exercer suas atividades laborais com tranquilidade. O espaço do escritório que deveria ser privado era, com frequência, *invadido*, já que considerado uma extensão da casa da mãe e do irmão.

Quando precisou colocar uma funcionária, veio o problema da chave. Não queriam que uma pessoa estranha tivesse a chave da porta. Justificativas razoáveis a respeito da segurança começaram a dificultar a entrada e saída do escritório. O padrão da casa era de ordem prática e paradoxalmente não era prático entrar e sair da casa. Veio a ideia da paciente de colocar um porteiro eletrônico. Levou um ano para ser instalado pelo irmão; situação que foi tolerada para não gerar desentendimentos. Havia dificuldade de conversarem sobre limites, combinações referentes ao uso do portão de entrada, área comum de estacionamento, circulação, privacidade. A fantasia era a de que não dava para falar sobre esses assuntos porque poderiam ter um desentendimento que acabaria em rompimento definitivo.

Passado algum tempo, a paciente vai morar com o namorado em um apartamento. Muitas das reclamações são temporizadas, mas persiste o desejo de mudar o escritório para outro endereço. O trabalho está num ritmo intenso e outras duas funcionárias são contratadas. Novamente retorna a questão da chave da porta de entrada, horário de funcionamento, alarme. E a necessidade do escritório ser respeitado como um local separado da residência, com uma dinâmica de funcionamento próprio. Essa demarcação dos lugares em próprios e comuns gerava sofrimento vincular. Foi neste período que a paciente comentou que seguia almoçando diariamente na casa da mãe, apesar do casamento. Repetia sem dar-se conta a situação do irmão. Como se em cada período de crescimento houvesse um retorno do

reprimido. Falava também da sua dificuldade em fechar à chave uma porta de ligação entre o escritório e a casa da mãe. Fez o desenho da planta da casa e ficou evidente que ela mesma, ao invés de utilizar exclusivamente a porta da frente do escritório, entrava através da lateral, que dava acesso conjuntamente à casa do irmão e da mãe, através de um hall que levava à escada do andar superior. Com o desenho, ficou visível que a dificuldade em fechar a porta (corte) era de ambos os lados. O que iriam pensar se ela chaveasse a porta?

A arquitetura é a primeira manifestação do homem criando seu universo<sup>15</sup>. Num determinado momento, a arquitetura abriu-se para o jogo das metáforas<sup>16</sup>. O estudo do espaço permite recuperar dimensões psicológicas.

O desenho e descrição da residência é uma representação das relações familiares, tal como existe no inconsciente de seus membros. O espaço das casas tem geralmente uma distribuição convencional. O hall é o lugar de entrada. A paciente pode entrar por ali. A questão que fica encoberta é a dificuldade de respeitarem o escritório como um espaço de trabalho, como um lugar que deveria ficar mais preservado, não uma extensão da casa do irmão ou da mãe. O escritório como algo apenas dela, privado. Neste caso, o espaço reflete uma organização mais próxima do inconsciente. Ela não tem autonomia a respeito das decisões do seu local de trabalho. O escritório de arquitetura não é algo separado e privado. Esta percepção é sentida por ela como um impedimento para o seu crescimento, como uma falta de reconhecimento profissional pelos familiares. Não percebe a sua dificuldade de fechar a porta que permite o trânsito de um lugar para o outro. Sente-se impedida de tomar decisões referentes ao bom funcionamento do escritório. E essas atitudes, são necessárias para o funcionamento desejado, imprescindíveis ao crescimento profissional. A necessidade de separar e delimitar a família de origem do escritório é a mesma que a paciente vivencia em relação ao relacionamento amoroso.

---

<sup>15</sup> Le Corbusier, pág 45.

<sup>16</sup> Cadernos PPG

## Ressonâncias

As categorias do privado e do público ou do particular e do comum surgem como produções de sentido em cada vínculo de casal ou família. Isto é, de que maneira cada sujeito vai vivenciar movimentos de crescimento e autonomia. Em algumas famílias esses movimentos são considerados um ataque ao vínculo, uma ameaça.

A casa vive, respira, exige mudanças. Nesta família, com frequência este conflito aparecia na forma como usavam os espaços da casa.

Percebam como esta família lida com a separação individualização, apesar da passagem do tempo e de ter acontecido o casamento. Persistem características endogâmicas. Esta situação aparecia também no uso do dinheiro, já que algumas contas, como a de luz e internet, não eram separadas. Divergiam na forma de investimento. Os modos de circulação do dinheiro se entrelaçavam com a economia libidinal, vincular. Apareciam questões de gênero e geracionais com sua potencialidade de abuso de poder. O irmão ocupava um lugar privilegiado.

Na arquitetura, o conceito de ocupação está ligado ao conceito de privacidade e de apropriação com exclusividade, uma posse de exclusão. Se foi construída e concebida de acordo com os princípios desta família deveria corresponder às suas aspirações. Mas a casa, para esta paciente, não é um abrigo adequado.

A necessidade de isolamento para dar evasão à criatividade aparecia de um modo particular, como necessidade de isolamento acústico. Havia queixa dos gritos das crianças e outros ruídos provenientes da casa contígua ao escritório. A falta de isolamento acústico revelava uma incapacidade de resolução de problemas simples, do ponto de vista arquitetônico, como o uso de materiais para tais fins. Essa situação submetia a paciente a experiências desnecessárias e nocivas, não apenas por provocar irritação e desconcentração, mas pelo sentimento de desconsideração, desvalimento. O problema do isolamento acústico revelava a necessidade de um isolamento individual numa família com dificuldades na delimitação dos espaços de cada um. A casa deve ser um espaço de convivência individual e

coletiva. Acontece que moram nela duas famílias onde a convivência individualizada só acontece no andar superior, ou na casa do irmão. O zoneamento espacial que divide as casas em três áreas se dava de outra forma nesta família. O espaço íntimo se restringe ao andar superior, o andar térreo e o escritório funcionam como um espaço coletivo ou social. A zona de serviço fica ao redor da mãe.

As casas mistas, onde convive-se, descansa-se e se trabalha, exigem dos seus membros um labor psíquico redobrado. Nesta casa os papéis apresentam dificuldade de variação no tempo e no espaço. Tudo funciona como se ainda vivessem na pequena casa de madeira.

### Referências

- ARAÚJO, A. **Estudos de gênero em arquitetura, um novo referencial teórico para a reflexão crítica sobre o espaço residencial.** Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPG AU da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – FAUIBA, ano IV, n. 1, p.11-22, 2006.
- AUGÉ, M. **Não Lugares 1992.** Campinas: Papirus, 2002.
- BACHELAR, G. **A poética do Espaço.** 1989. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, R. **Como viver junto.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENEVOLO, L. **A cidade e o arquiteto.** São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- BERENSTEIN, I. **Família e doença mental.** São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- BRYSON, B. **Em casa: Breve história da vida doméstica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMEL, S.; MATUS, S. **Conjecturas Psicopatológicas clinica psicoanalítica de família y pareja.** Buenos Aires: Psicolibro ediciones, 2011.
- LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.
- NETTO, J. T.C. **A construção do sentido na arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

## Ressonâncias

WINNICOTT D. W. **O Brincar & a Realidade**,1971. Rio de Janeiro: Editora Imago LTDA, 1975.

RYBCZYNSKI, W. **Pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Editora Record,1996.

SEVERO, A **.Encontros & Desencontros a complexidade da vida a dois**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.